

# Fragments da Bahia

Miniaturas de metal, peças de argila e colares atraem visitantes à Feira de São Joaquim

Katherine Funke

Entre frutas, legumes, artesanatos, roupas, carnes, cheiros, pessoas, rostos, músicas, carrinhos de mão e tudo o mais, lá na Feira de São Joaquim, a baiana radicada em São Paulo delira. "Se eu pudesse, levava a Bahia inteira para a minha casa", conta a diarista Marizete dos Anjos Souza, há 20 anos morando fora de Salvador. Há anos sem vir para cá, a saudade da Feira de São Joaquim era imensa. Numa busca quase de turista, ela passou por praticamente todos os estandes da feira só para procurar pratinhos de São Cosme para colocar frutas e outros artesanatos para enfeitar a casa, além da pimenta, azeite de dendê e camarão seco. A sacola, carregada pelo cunhado, já estava cheia e ela ainda queria mais. "Ai, não tem água melhor que essa", disse encantada, ao avistar uma moringa.

A casa dela já está bem abaianada: búzios enfeitam a estante, um conjunto de arco e flecha adornam a parede da sala e no fogão, só dá feijoadá. E não é só a casa dela, não. Gente de muitos estados brasileiros e de outros países leva as preciosidades da Feira de São Joaquim para den-

tro da sala, do quarto, do jardim e da cozinha. "A gente fica abismada com tanta coisa linda, são objetos que você não pode comprar em outro lugar, só aqui", explica a estudante carioca Tatiana Reis, que comprava alguns fitós tamanho mini para enfeitar as janelas do apartamento.

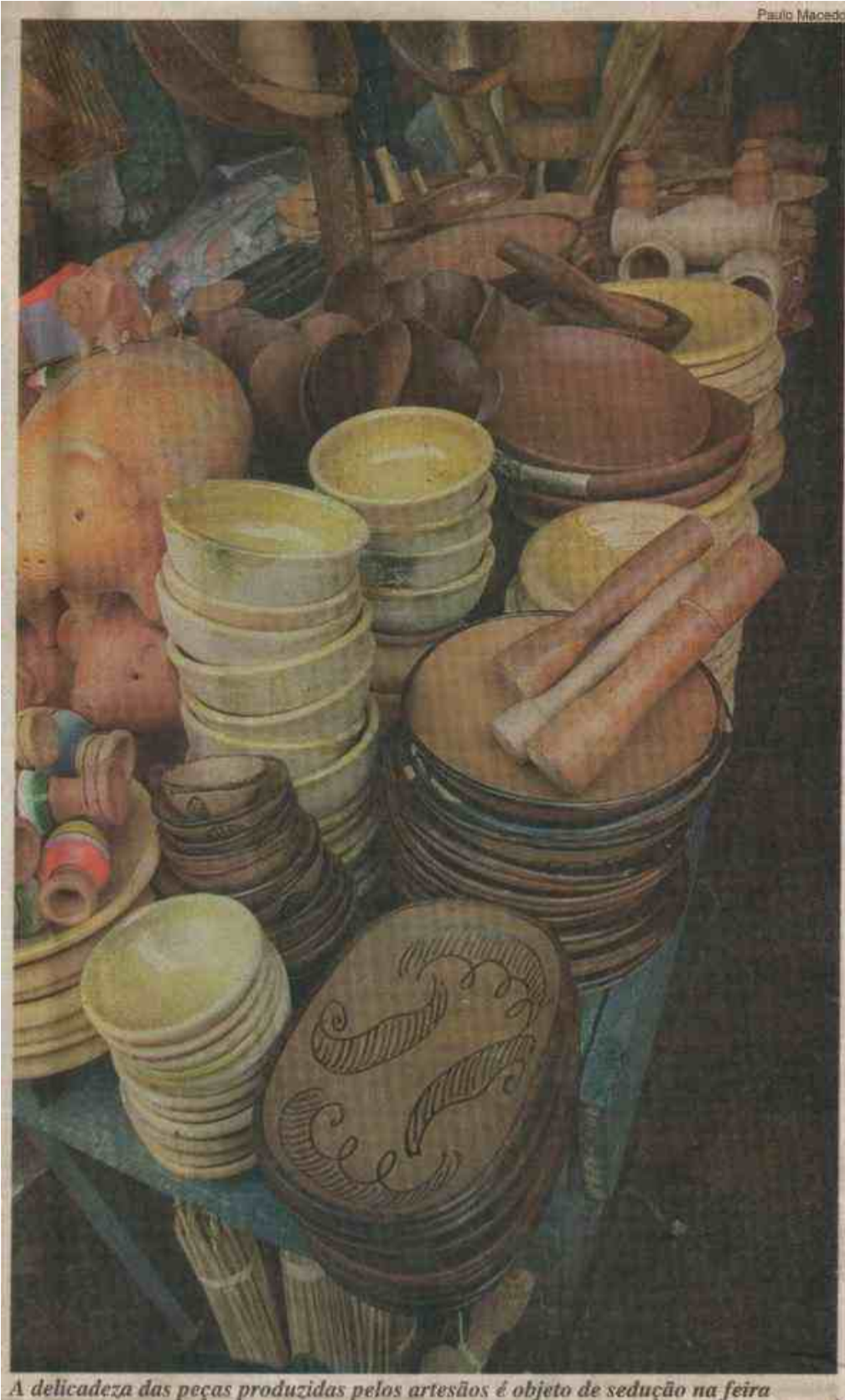
Objetos pequeninos, baratos, úteis e artesanais como as lamparinas levadas pela carioca são os que mais atraem os brasileiros, segundo o vendedor Manoel Bonfim Costa, feirante desde 1962. "Turista estrangeiro só faz tirar foto. Tira muita foto, faz perguntas às vezes, mas não compra quase nada", descreve. Já os brasileiros, "brasileiro chega pegando o que vê, falando: 'que coisinha bonita, que coisinha engraçadinha!'", conta o experiente feirante, já de cabelos brancos, cuja banca não tem nome.

As coisinhas bonitinhas da Feira de São Joaquim também costumam custar pouco, se comparadas às das lojas de shopping center. Um filó varia entre R\$0,50 e R\$5. Um pratinho de São Cosme, R\$1 a R\$2. Um porquinho para fazer economias, R\$1,50. Mais caro, mas nem tanto: farinha grande de madeira, só R\$10. Tábua grande de carne, muito comprada pelos gau-

chos, R\$15. Ferramenta de exu, R\$25. Os colares de miçangas, vendidos como água segundo os feirantes, custam de R\$2 a R\$40.

Assim desse jeito, tem turista com grana no bolso que chega e compra tudo de uma vez e sai com várias sacolas na mão. O vendedor Cristiano dos Santos Jesus tem essa sorte toda semana, ainda bem. Além do bolso cheio, os turistas de qualquer procedência vêm com aquela curiosidade natural, cheios de perguntas.

"É até divertido explicar, eles querem aprender com a gente", conta Jesus. O belga Karol Herremann está nesta categoria: quer aprender. Ele tirou um dia só para fotografar a feira, falar com as pessoas, saber mais do espírito local. Fotografou de objetos a vendedores, incluindo uma pedinte idosa que cantou *Segura na mão de Deus* só por ter ganho dele R\$1. "Eu gosto muito de ver as pessoas, e aqui na feira há gente que trabalha muito. Elas têm essa força produtiva e um temperamento aberto, e isso é lindo", explica. As fotos serão expostas no bar dele, na Bélgica. Assim, com objetos, fotografias ou memórias, a Feira de São Joaquim se espalha pelo mundo.



A delicadeza das peças produzidas pelos artesãos é objeto de sedução na feira